



A TEOLOGIA DA ESPERANÇA E OS ROSTOS DA HISTÓRIA – VOZES, SILÊNCIOS E POSSIBILIDADES

THE THEOLOGY OF HOPE AND THE FACES OF HISTORY - VOICES, SILENCES AND POSSIBILITIES

Clelia Peretti¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-2062-0883>

Tiago de Fraga Gomes²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-5437-2318>

Recibido: 03.12.2025
Aceptado: 16.03.2026

<https://doi.org/10.21703/2735-6345-3617>

Resumo

O artigo analisa a esperança cristã em um contexto global marcado por crises, guerras, desigualdades e crescente desesperança. Justifica-se pela necessidade de recuperar a esperança como categoria teológica capaz de iluminar a ação ética diante dos desafios contemporâneos. O problema investigado pergunta como articular esperança humana e teológica sem reduzi-la a fuga espiritualista ou a mero otimismo sociopolítico. A hipótese sustenta que a esperança, compreendida biblicamente e em chave escatológico-prática, torna-se princípio hermenêutico para interpretar os rostos feridos da história e orientar práticas transformadoras. O estudo, de caráter bibliográfico e hermenêutico-teológico, dialoga com *Spes non confundit*, *Spe salvi* e autores como Moltmann, Metz, Gutiérrez, Bloch e Tomás de Aquino. Os resultados mostram que a esperança se encarna em sujeitos marginalizados e exige escuta dos silêncios históricos. Conclui-se que esperar é agir: a esperança cristã convoca à responsabilidade, à solidariedade e à construção de sinais do Reino no presente. **Palavras-chave:** esperança cristã, escatologia, rostos da história, vozes silenciadas, práxis.

Abstract

The article analyzes Christian hope within a global context marked by crises, wars, inequalities, and growing collective despair. It is justified by the need to recover hope as a theological category capable of illuminating ethical action amid contemporary challenges. The central question investigates how to articulate human and theological hope without reducing it either to spiritualist escape or to mere sociopolitical optimism. The hypothesis argues that hope, biblically grounded and understood through an eschatological-praxis lens, becomes a hermeneutical principle for interpreting the wounded faces of history and guiding transformative practices. The study, based on bibliographic and hermeneutical-theological methodology, engages *Spes non confundit*, *Spe salvi*, and authors such as Moltmann, Metz, Gutiérrez, Bloch, and Thomas Aquinas. The results show that hope becomes embodied in marginalized subjects and demands attentive listening to

¹ Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia EST, São Leopoldo-RS. Docente e pesquisadora no Curso do Bacharelado de Teologia e no Programa Mestrado e Doutorado – PUCRS. Líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Educação, Direito Humanos (TEDUC), (PUCRS). E-mail: cpkperetti@gmail.com .

² Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil, com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB), Bochum, Alemanha. E-mail: tiago.gomes@pucrs.br.

historical silences. The article concludes that to hope is to act: Christian hope calls for responsibility, solidarity, and the construction of signs of the Kingdom in the present.

Keywords: Christian hope, eschatology, faces of history, silenced voices, transformative praxis.

1. Introdução

A esperança constitui uma das categorias mais densas da experiência humana e da tradição cristã, pois articula desejo, confiança, abertura ao futuro, resistência diante do sofrimento e compromisso com a transformação histórica. Em sentido antropológico, ela expressa a capacidade humana de não se encerrar na imediatez do presente, sobretudo quando este se apresenta marcado por crise, luto, violência, precariedade social ou incerteza. Nesse nível, a esperança não se reduz a otimismo psicológico nem a expectativa ingênua de melhoria automática das circunstâncias; ela corresponde a uma disposição fundamental do sujeito que, mesmo diante da vulnerabilidade, permanece orientado para possibilidades ainda não realizadas. Gabriel Marcel compreende essa atitude a partir da condição do ser humano como *homo viator*, isto é, como sujeito em travessia, cuja existência não se esgota no dado imediato, mas se abre ao mistério, à fidelidade e à comunhão³. Ernst Bloch, por sua vez, ao desenvolver a noção de princípio esperança, evidencia que o ser humano é habitado por uma antecipação do ainda-não, dimensão que pode alimentar imaginação histórica, crítica social e projeção de futuro⁴. A esperança humana pode ser compreendida como estrutura existencial de abertura, resistência e busca de sentido.

No horizonte cristão, a esperança adquire uma densidade específica: ela é também virtude teologal. Nesse sentido, não nasce apenas das forças internas do sujeito nem se apoia unicamente nas possibilidades históricas disponíveis, mas se enraíza na promessa de Deus, na ressurreição de Cristo e no dom do Espírito Santo. A esperança teologal tem Deus como origem, fundamento e fim. Tomás de Aquino define a esperança como virtude pela qual o ser humano tende a um bem futuro, árduo, porém possível, não por autossuficiência, mas mediante o auxílio divino⁵. Essa distinção é decisiva para evitar dois reducionismos: de um lado, a transformação da esperança cristã em expectativa psicológica ou política; de outro, sua compreensão como fuga espiritualista da história. A esperança teologal não elimina a esperança humana, mas a purifica, orienta e radicaliza, pois insere a busca humana de futuro no horizonte da fidelidade de Deus e da consumação escatológica do Reino.

É nesse horizonte que se situa a bula *Spes non confundit*, pela qual o Papa Francisco proclama o Jubileu Ordinário de 2025 sob o sinal da esperança⁶. Ao retomar a afirmação paulina segundo a qual “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo”⁷, o documento recoloca a esperança no centro da vida cristã e da missão eclesial. A esperança, nesse contexto, não é entendida como abstração doutrinal, mas como força espiritual capaz de sustentar pessoas e comunidades em tempos de fragmentação, guerras, deslocamentos forçados, desigualdades e perda de confiança no futuro. Bento XVI, na encíclica *Spe salvi*, já havia indicado que a redenção cristã é inseparável de uma esperança confiável, capaz de tornar o presente vivível mesmo quando ele se mostra custoso e atravessado por sofrimento⁸. A

³ Cf. G. MARCEL, *Homo viator: introduction to a metaphysic of hope*, Victor Gollancz, London 1951.

⁴ Cf. E. BLOCH, *O princípio esperança. v. 1. Trad. Nélcio Schneider*, EdUERJ - Contraponto, Rio de Janeiro 2005.

⁵ Cf. T. DE AQUINO, *Suma teológica. v. 5: II seção da II parte, questões 1-56*, Loyola, São Paulo 2015.

⁶ Cf. FRANCISCO, *Spes non confundit: bula de proclamação do Jubileu Ordinário de 2025*, Cidade do Vaticano 2024.

⁷ Rm 5,5.

⁸ Cf. BENTO XVI, *Spe salvi: carta encíclica sobre a esperança cristã*, Cidade do Vaticano 2007. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso 19 jun. 2026.

esperança cristã, portanto, não nega a dramaticidade da história; ao contrário, afirma que a história permanece aberta à ação salvadora de Deus.

A presente investigação parte do seguinte problema: de que modo a teologia da esperança pode articular a esperança como virtude humana e teologal, evitando tanto a evasão espiritualista quanto a redução sociopolítica da fé? A hipótese assumida é que a esperança cristã, quando compreendida em chave bíblica, escatológica e histórico-prática, constitui uma categoria teológica capaz de unir promessa e responsabilidade, futuro de Deus e compromisso no presente, escuta das vítimas e transformação das estruturas de morte. A tese central do artigo sustenta que a esperança não é apenas objeto de reflexão doutrinal, mas princípio hermenêutico para ler os rostos da história, especialmente os rostos feridos, silenciados e marginalizados. Desse modo, a teologia da esperança não se limita a perguntar pelo futuro último da salvação, mas interroga o presente a partir das promessas de Deus e das dores concretas da humanidade.

O objetivo geral deste artigo é analisar a esperança cristã como virtude humana e teologal, evidenciando sua relação com a história, com os sujeitos marginalizados e com a responsabilidade ética da fé. Pretende-se aprofundar a relação entre esperança antropológica e esperança teologal, a fim de explicitar uma compreensão transformadora da esperança. Se tem em vista que esperar, em sentido cristão, não significa adiar a responsabilidade histórica, mas assumi-la à luz da promessa escatológica.

O estudo assume caráter bibliográfico, analítico e hermenêutico-teológico. A pesquisa articula fontes bíblicas, documentos do magistério, especialmente *Spes non confundit* e *Spe salvi*, e referenciais teológicos contemporâneos vinculados à escatologia, à teologia política e à teologia da libertação. A leitura de Moltmann é mobilizada para compreender a esperança como categoria escatológica que incide criticamente sobre o presente, pois a promessa de Deus não legitima a realidade tal como está, mas a abre para sua transformação⁹. A contribuição de Metz permite aprofundar a relação entre esperança e memória do sofrimento, uma vez que a fé cristã não pode falar de futuro esquecendo as vítimas da história¹⁰. Gustavo Gutiérrez contribui para situar a esperança no interior de uma práxis libertadora, na qual a fé se torna compromisso com os pobres e crítica das estruturas injustas¹¹.

A relevância acadêmica da investigação decorre da necessidade de retomar a esperança como categoria teológica estruturante, em um contexto cultural frequentemente marcado pelo esgotamento das grandes utopias, pela aceleração social, pela ansiedade coletiva e pela fragilização dos vínculos comunitários. A esperança, quando tratada com rigor teológico, permite superar interpretações simplificadoras que a confundem com consolo subjetivo, otimismo moral ou expectativa política imediata. Ela se apresenta, antes, como virtude enraizada na fé, atravessada pela caridade e orientada para o Reino de Deus. Ao mesmo tempo, sua relevância social se manifesta na capacidade de sustentar práticas de resistência, cuidado, solidariedade e reconstrução. A esperança cristã não pode ser separada da justiça, pois a promessa escatológica de Deus não autoriza indiferença diante das dores históricas, mas convoca a uma presença ativa junto aos crucificados da história.

As imagens que atravessam este artigo, como a luz que persiste na escuridão, o fio que sustenta a travessia, os rostos que emergem da história e os silêncios que exigem escuta, não são empregadas apenas como recursos retóricos. Elas funcionam como imagens teológicas e hermenêuticas, pois permitem pensar a esperança em sua dimensão simbólica, histórica e encarnada. A luz, por exemplo, não nega a noite, mas indica que a escuridão não possui a última palavra. O fio não elimina a fragilidade da existência, mas

⁹ Cf. J. MOLTSMANN, *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*, Teológica - Loyola, São Paulo 2005.

¹⁰ Cf. J. B. METZ, *A fé em história e sociedade: estudos para uma teologia fundamental prática*, Paulinas, São Paulo 1980. J. B. METZ, *Memoria passionis: una evocación provocadora en una sociedad pluralista*, Sal Terrae, Santander 2007.

¹¹ Cf. G. GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação: perspectivas*, Vozes, Petrópolis 1975.

sugere continuidade, vínculo e sustentação. Os rostos remetem à concretude daqueles que esperam em situações de exclusão, enquanto os silêncios apontam para memórias feridas que ainda não foram suficientemente reconhecidas. A teologia da esperança, portanto, precisa transformar tais imagens em categorias argumentativas, capazes de iluminar a relação entre promessa cristã, dignidade humana e responsabilidade histórica.

A estrutura do artigo acompanha esse itinerário. Inicialmente, pergunta-se se ainda é possível esperar no contexto contemporâneo, marcado por crises globais, guerras, desigualdades e desesperança social. Em seguida, são apresentados os fundamentos e horizontes da teologia da esperança, com atenção à tradição bíblica, ao magistério e à contribuição de autores clássicos e contemporâneos. Posteriormente, o texto identifica os rostos da esperança, isto é, sujeitos e comunidades que, em meio à dor e à exclusão, tornam visível a força histórica da esperança cristã. Na sequência, discute-se a relação entre vozes e silêncios, indicando que a esperança exige escuta das memórias apagadas e das vítimas da história. Nesse sentido, o artigo pretende mostrar que esperar é agir, pois a esperança cristã se verifica como compromisso ético, solidariedade concreta e participação responsável na construção de sinais históricos do Reino de Deus.

2. Ainda é possível ter esperança hoje?

A pergunta pela possibilidade da esperança no tempo presente possui densidade teológica e antropológica, pois emerge de um contexto histórico marcado pela fragilização dos vínculos, pela aceleração social, pela violência estrutural e pela perda de confiança no futuro. Anthony Giddens, ao interpretar a modernidade como um “mundo em descontrole”, ajuda a compreender por que o sujeito contemporâneo experimenta o futuro como risco, instabilidade e perda de domínio sobre os processos sociais¹². Ulrich Beck, ao falar da sociedade de risco, aprofunda esse diagnóstico ao mostrar que a modernidade produz ameaças globais que ultrapassam fronteiras nacionais, como crises ambientais, tecnológicas, econômicas e bélicas, afetando diretamente a confiança coletiva no porvir¹³. Zygmunt Bauman descreve a modernidade líquida como um tempo de vínculos frágeis, instituições instáveis e identidades inseguras, o que permite compreender por que a esperança se torna difícil quando os laços comunitários deixam de oferecer sustentação¹⁴.

Byung-Chul Han acrescenta a esse quadro a análise de uma subjetividade cansada, marcada pela autoexploração, pelo desempenho permanente e pela dificuldade de repousar em uma promessa que não dependa apenas da produtividade individual¹⁵. Hartmut Rosa, ao tematizar a aceleração social e a perda de ressonância, permite perceber que a desesperança contemporânea não deriva apenas da falta de futuro, mas também da incapacidade de estabelecer relações significativas com o mundo, com os outros e consigo mesmo¹⁶. A pergunta pela esperança não surge de uma impressão subjetiva ou de um recurso retórico, mas de um discernimento teológico situado diante de uma experiência histórica concreta de desorientação, fragmentação e crise de sentido.

A partir desse diagnóstico, a teologia cristã é chamada a distinguir com rigor a esperança humana e a esperança teologal, sem separá-las artificialmente. Gabriel Marcel compreende a esperança como atitude existencial própria do *homo viator*, isto é, do ser humano em caminho, que não se reduz ao imediato e permanece aberto ao mistério mesmo quando a realidade parece fechada¹⁷. Ernst Bloch interpreta a esperança como antecipação do “ainda-não”, dimensão que mobiliza a imaginação histórica e impede que

¹² Cf. A. GIDDENS, *Runaway world: how globalisation is reshaping our lives*, Profile Books, London 2003.

¹³ Cf. U. BECK, *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*, Editora 34, São Paulo 2011.

¹⁴ Cf. Z. BAUMAN, *Modernidade líquida*, Zahar, Rio de Janeiro 2001.

¹⁵ Cf. B.-CH. HAN, *Sociedade do cansaço*, Vozes, Petrópolis 2017.

¹⁶ Cf. H. ROSA, *Ressonância: uma sociologia da relação com o mundo*, Editora Unesp, São Paulo 2019.

¹⁷ Cf. G. MARCEL, *Homo viator...*

o presente seja absolutizado como destino definitivo¹⁸. Tomás de Aquino, em perspectiva propriamente teológica, define a esperança como virtude orientada para um bem futuro, árduo e possível, alcançável não pela autossuficiência humana, mas pelo auxílio de Deus¹⁹. Jürgen Moltmann desloca essa virtude para o centro da escatologia cristã, mostrando que a promessa de Deus não conduz à evasão do mundo, mas inaugura uma práxis transformadora, pois o futuro de Deus interpela criticamente o presente²⁰.

Johann Baptist Metz, ao insistir na memória das vítimas, impede que a esperança seja convertida em otimismo abstrato, pois a esperança cristã só permanece fiel ao Evangelho quando conserva a lembrança do sofrimento histórico e se compromete com os vencidos²¹. Bento XVI afirma na *Spe salvi* que a esperança cristã é confiável porque se funda no encontro com Deus revelado em Cristo, capaz de sustentar a existência mesmo nas provações²². A esperança humana expressa a abertura antropológica ao futuro, enquanto a esperança teologal funda essa abertura na fidelidade de Deus, na ressurreição de Cristo e na ação do Espírito Santo na história.

A célebre inscrição de Dante Alighieri na porta do inferno que afirma “*abandonem toda a esperança, vós que aqui entraís*”, poderia, para muitos, ser afixada como saudação nas salas de parto, recepcionando os recém-nascidos com um presságio sombrio. Vivemos imersos em uma ansiedade coletiva, como se o mundo fosse um navio à deriva, prestes a naufragar nos redemoinhos do vazio. Sob o peso desses sentimentos sombrios, é compreensível que o coração se retraia e que as relações humanas se tornem cada vez mais pautadas pelo interesse, pela frieza e pelo cálculo. Regressamos a um estado primitivo, como coletores-caçadores, mas sem o assombro original que movia nossos antepassados. Contudo, uma reflexão teológica responsável não pode simplesmente aderir ao diagnóstico da desesperança; deve discerni-lo criticamente à luz da promessa cristã e da dignidade irreduzível da vida humana. E, se fosse possível escolher uma frase para acolher os recém-chegados à vida, seria recomendável pendurar nas salas de parto outra citação de Dante: “Se você seguir a sua estrela, não falhará em alcançar glorioso porto.” Precisamos reaprender a cultivar a esperança e a confiar na travessia da existência. É racional? Talvez não. Mas é profundamente humano — e absolutamente necessário.

2.1. O que significa esperar quando tudo ao redor parece desmoronar?

Vivemos tempos marcados pela fragilidade do presente e pela incerteza do futuro. O desconhecido nos inquieta, não apenas por sua imprevisibilidade, mas pelas limitações que impõe. Como bem observou Anthony Giddens em *Runaway World*, habitamos um “mundo em fuga”²³, que escapa ao nosso controle e nos impede de compreender com clareza o rumo que estamos tomando. Essa condição gera uma angústia profunda, intensificada por cenários de guerra, miséria e opressão em diversas partes do planeta.

É preciso lembrar que este também é o tempo vivido por aqueles que, como tantos homens e mulheres de minha geração, experimentaram uma intensa temporada de esperança humana e cristã. Hoje, porém, muitas ideologias políticas e utopias sociais se dissiparam, e as expectativas despertadas pelo Concílio Vaticano II parecem, em grande parte, frustradas. A aspiração por um mundo mais justo e por uma Igreja comprometida com os valores do Evangelho foi, em muitos contextos, substituída pela disseminação da

¹⁸ Cf. E. BLOCH, *O princípio esperança...*

¹⁹ Cf. T. DE AQUINO, *Suma teológica...*

²⁰ Cf. J. MOLTANN, *Teologia da esperança...*

²¹ Cf. J. B. METZ, *A fé em história e sociedade...*; J. B. METZ, *Memoria passionais...*

²² Cf. BENTO XVI, *Spe salvi...*

²³ A expressão “mundo em fuga” atribuída a Anthony Giddens aparece na obra *Runaway World (Mundo em Descontrole)*. Nesse livro, Giddens analisa os impactos da globalização sobre as estruturas sociais, culturais e políticas contemporâneas, destacando como as rápidas transformações tornam o mundo cada vez mais imprevisível e difícil de controlar. A obra é baseada em uma série de palestras que Giddens realizou para a BBC em 1999, e aborda temas como risco, tradição, família e democracia, sempre com o pano de fundo das mudanças globais que afetam profundamente a vida cotidiana. Cf. A. GIDDENS, *Runaway world...*

barbárie, que invade até mesmo a esfera privada: banalização da justiça, glorificação da força, rejeição do espírito comunitário e exaltação da competição desenfreada.

Esse cenário nos conduz a um momento de profunda depressão coletiva. Como apontam diversos sociólogos, há uma escassez de esperança, e o impulso em direção ao futuro tornou-se extremamente frágil. Não foi apenas a fé em Deus que se esvaiu, também se rompeu a confiança entre nós, seres humanos. E quando essa confiança se desfaz, a esperança na sociedade e no futuro se dissolve, e, com ela, o amor também se enfraquece.

Ainda assim, há algo que nos distingue: o ser humano, ao contrário dos demais seres vivos, é capaz de cultivar esperança. Essa capacidade não é superficial; ela brota das profundezas da espiritualidade, da condição de quem precisa construir a própria existência com os recursos disponíveis em cada contexto. Em última instância, nasce do Espírito de Deus, que age em nós e, por meio de nós, “renova todas as coisas”²⁴. A ação do Espírito Santo é fonte de renovação e transformação interior. É o Espírito de Deus quem age em nós e nos torna capazes de viver de forma nova.

Essa força se revela com especial intensidade nos lugares mais feridos do mundo. Entre os escombros deixados por conflitos como a guerra entre Israel e Palestina onde quase toda a população da Faixa de Gaza foi forçada ao deslocamento, grande parte das moradias foram danificadas ou destruídas, e milhares de crianças perderam a vida em apenas dois anos, o mundo continua a testemunhar cidades devastadas por guerras que se espalham por outras regiões. Famílias são separadas, comunidades desfeitas, memórias soterradas sob os destroços.

Mesmo assim, nos cantos mais improváveis e nos territórios mais esquecidos, a esperança insiste em nascer. Ela se ergue como força que transforma, que levanta, impulsiona e põe em movimento. Está nos olhos de quem retorna ao que restou de seu lar, nas mãos que constroem abrigos com o que há, nas vozes que se elevam em clamor por paz. A esperança não apenas reconstrói com tijolos, mas com coragem, solidariedade e o desejo profundo de recomeçar.

Ela floresce em meio às guerras e aos desastres socioambientais, nas periferias e favelas, nos lixões e nas ruas, nos hospitais e presídios, nos corpos feridos, nas aldeias e quilombos, nas ocupações e até nos cenários de massacre. Sua presença é discreta, mas poderosa, e sua ação silenciosa, mas transformadora.

Ao compreendermos a esperança como caminho, como busca, como peregrinação, percebemos que ela é, sim, um dom, fruto da ação do Espírito, mas também uma tarefa que exige entrega e compromisso. É um dom que só frutifica na doação de si. Por isso, a esperança nos surpreende como dádiva, mas também nos convoca como missão. Como defende Ivone Gebara, teóloga feminista latino-americana, esperar é resistir com ternura à dureza da vida²⁵.

A “teologia da esperança” não se apresenta como fuga da realidade, mas como resistência. É uma fé que não se aliena, mas que caminha com os pés firmes no chão e os olhos voltados para o futuro. Junto à fé e à caridade, a esperança compõe o tripé das virtudes teológicas que sustentam a jornada cristã²⁶. Em tempos de instabilidade, crises e rupturas, a esperança não é evasão, mas é força que resiste, persiste e transforma.

Essa força interior, longe de ser ingênua ou passiva, revela-se como uma postura ativa diante da realidade. Manter a esperança é a mais sublime atitude revolucionária. Esperar é aguardar com confiança aquilo que se crê virá, não por mera expectativa, mas por convicção enraizada na fé. Como nos lembra a Escritura: “Espera no Senhor. Sê forte! Coragem! Espera no Senhor”²⁷.

²⁴ Tito 3, 5.

²⁵ Cf. I. GEBARA, *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*, Vozes, Petrópolis 1997.

²⁶ 1Cor 13, 13.

²⁷ Sl 27, 14.

3. A Teologia da Esperança: fundamentos e horizontes

É justamente essa convicção que a bula *Spes non confundit* procura iluminar ao oferecer uma profunda reflexão sobre os fundamentos da esperança cristã²⁸. Ancorada na tradição bíblica e na experiência da salvação em Cristo, a bula destaca entre seus pilares o amor de Deus, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo²⁹, como base inabalável da esperança. A justificação pela fé, conforme ensina São Paulo, nos coloca em paz com Deus e nos permite gloriar-nos na esperança da glória divina³⁰. O Espírito Santo, por sua vez, é quem mantém viva essa luz, fortalecendo os fiéis mesmo nas tribulações.

A esperança cristã encontra outro alicerce essencial na certeza da vida eterna, entendida como comunhão plena com Deus³¹. Essa convicção nasce da ressurreição de Cristo, que venceu a morte e abriu o caminho para a eternidade³², sustentando-se na fidelidade divina ao longo da história da salvação. Trata-se, portanto, de uma confiança sólida, enraizada na graça e na presença amorosa de Deus em nossas vidas.

A esperança cristã possui fundamento propriamente teológico, mas não se fecha em uma linguagem intraeclesial, pois dialoga com a condição antropológica de sujeitos e comunidades que, em meio à vulnerabilidade histórica, permanecem abertos ao futuro. Rino Fisichella, teólogo e pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, amplia essa perspectiva em seu ensaio *La speranza trasforma la vita*, ao afirmar que a esperança transcende os limites da fé religiosa³³. Para ele, trata-se de um sentimento vivido por crentes e não crentes, fruto da experiência humana e da busca pelo bem. O ato de esperar, nesse horizonte, revela não apenas nossa vulnerabilidade, mas também nossa disposição interior para acolher o que ainda não conhecemos. Esperar é abrir espaço para o inesperado, como já intuía Heráclito em *Fragmentos*: “Quem não espera o inesperado, não o encontrará”³⁴. Essa atitude nos desafia a enxergar o mundo não apenas em sua forma atual, marcada por rupturas e dores, mas em seu potencial de transformação.

É essa esperança que nos permite viver o presente com os olhos voltados para o futuro, não como fuga, mas como compromisso. Tornamo-nos, assim, sinais do Reino que se anuncia mesmo em meio ao caos, testemunhas de uma promessa que resiste à desesperança. Como afirma a Carta aos Hebreus³⁵, “a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”. Esperar, portanto, é já participar do que virá, com os pés firmes na realidade e o coração aberto à ação de Deus que renova todas as coisas.

A esperança cristã, nesse sentido, deve ser compreendida como virtude teológica, estrutura escatológica da existência e princípio crítico de leitura da história. Tomás de Aquino oferece uma base clássica para essa compreensão ao afirmar que a esperança se dirige a um bem futuro, árduo e possível, cujo alcance depende do auxílio divino³⁶; por isso, ela não se confunde com simples expectativa humana, mas exprime confiança na graça que sustenta o caminho do sujeito para Deus. Josef Pieper, ao retomar a tradição das virtudes, mostra que a esperança ocupa o espaço entre a presunção e o desespero, pois impede tanto a autossuficiência quanto a renúncia ao futuro; sua contribuição é relevante porque situa a esperança como disposição espiritual realista, capaz de reconhecer a dificuldade do bem sem negar sua possibilidade³⁷.

²⁸ Cf. FRANCISCO, *Spes non confundit*...

²⁹ Rm 5, 5.

³⁰ Rm 5, 1-2.

³¹ 1Pd 3, 15; Ap 22, 20.

³² 1Cor 15, 3-5.

³³ R. FISICHELLA, *La speranza trasforma la vita*, Dicastério para a Evangelização, Roma 2023, 17.

³⁴ HERÁCLITO, *Fragmentos. Tradução, introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro 42002, 18.

³⁵ Hb 11,1.

³⁶ Cf. T. DE AQUINO, *Suma teológica*...

³⁷ Cf. J. PIEPER, *Faith, hope, love*, Ignatius Press, San Francisco 1997.

Na *Spe salvi*, Bento XVI aprofunda essa distinção ao afirmar que a esperança cristã é confiável porque nasce do encontro com Deus revelado em Cristo, de modo que o presente pode ser vivido com sentido mesmo quando permanece atravessado por sofrimento³⁸. Jürgen Moltmann desloca essa esperança para o centro da escatologia, sustentando que a promessa de Deus não confirma o mundo tal como está, mas o abre à transformação, fazendo da esperança uma força crítica diante das contradições históricas³⁹.

N. T. Wright vincula a esperança cristã à ressurreição de Cristo e à renovação da criação, mostrando que esperar não significa abandonar o mundo, mas participar antecipadamente da restauração que Deus promete realizar⁴⁰. Johann Baptist Metz impede que essa esperança seja convertida em otimismo abstrato, pois recorda que a fé cristã deve conservar a memória das vítimas e deixar-se interpelar pelo sofrimento histórico⁴¹. A esperança teológica articula promessa, memória e responsabilidade, constituindo-se como categoria central para pensar a presença cristã diante dos dramas do mundo.

A teologia da esperança, conforme desenvolvida por Jürgen Moltmann, aprofunda essa compreensão ao situá-la no coração da escatologia cristã. Para Moltmann, esperar não é alienar-se da realidade, mas engajar-se radicalmente com ela. Sua teologia nasce da cruz do sofrimento e aponta para a ressurreição, sustentando a convicção de que Deus ainda não disse sua última palavra. Essa visão nos convida a olhar para o mundo não como ele é, mas como pode vir a ser, vivendo o presente com os olhos voltados para o futuro e tornando-nos sinais do Reino mesmo em meio ao caos.

A profundidade dessa abordagem está diretamente ligada à experiência pessoal de Moltmann como prisioneiro durante a Segunda Guerra Mundial. Esse período de dor e reflexão existencial levou-o a repensar o papel da fé diante da crise humana. A partir dessa vivência, ele elaborou a chamada “teologia da esperança”⁴², marcada pelo foco no futuro prometido por Deus, um futuro que irrompe no presente como força inspiradora e transformadora. Para Moltmann, a esperança é uma energia ativa que mobiliza os cristãos na luta por justiça, liberdade e dignidade, ultrapassando os limites da salvação individual e se manifestando como força coletiva de mudança⁴³.

Essa contribuição não se dá de forma isolada. Embora Moltmann seja reconhecido como o principal expoente da teologia da esperança, outros pensadores também enriqueceram esse campo com abordagens complementares. N.T. Wright, por exemplo, propõe em *Surpreendido pela Esperança* uma releitura da ressurreição como antecipação do futuro que Deus prepara para toda a criação⁴⁴. Essa visão amplia o horizonte da esperança cristã, conectando-a à missão da Igreja e à renovação do mundo.

Johann Baptist Metz defende que a esperança deve permanecer viva mesmo diante das tragédias da história⁴⁵. Metz defende que a fé não pode se afastar da dor humana, mas deve testemunhar solidariedade e manter aberta a janela da esperança. Trata-se de uma esperança que não ignora o lamento, mas se compromete com a memória das vítimas e com a transformação da realidade.

Retornando ao século XIII, Tomás de Aquino oferece uma reflexão clássica sobre a esperança como virtude teológica⁴⁶. Para Tomás, trata-se de uma disposição da alma voltada para o bem futuro, difícil, mas possível de alcançar com o auxílio divino. A atualidade de Tomás de Aquino está em mostrar que a esperança teológica não se funda

³⁸ Cf. BENTO XVI, *Spe salvi*...

³⁹ Cf. J. MOLTSMANN, *Teologia da esperança*...

⁴⁰ Cf. N. T. WRIGHT, *Surpreendido pela esperança: repensando o céu, a ressurreição e a missão da Igreja*, Thomas Nelson Brasil, São Paulo 2014.

⁴¹ Cf. J. B. METZ, *A fé em história e sociedade...*; J. B. METZ, *Memória passionais*...

⁴² Cf. J. MOLTSMANN, *Teologia da esperança*...

⁴³ Cf. J. MOLTSMANN, *Teologia da esperança*...

⁴⁴ Cf. N. T. WRIGHT, *Surpreendido pela esperança*...

⁴⁵ Cf. J. B. METZ, *Teologia política*, Paulinas, São Paulo 1992.

⁴⁶ Cf. T. DE AQUINO, *Suma teológica*...

na capacidade autônoma do sujeito, mas na confiança no auxílio divino; por isso, ela conserva simultaneamente realismo antropológico e abertura sobrenatural.

Diante dos desafios contemporâneos, como crises ambientais, desigualdades sociais, guerras e perdas, a teologia da esperança se reafirma como um chamado à resistência espiritual, à confiança renovada e à ação comprometida com a justiça e a dignidade humana. Mais do que uma abstração teórica, ela se configura como atitude existencial que resiste ao desespero, impulsionando-nos a encarar o futuro com coragem e a manter acesa a chama da promessa divina. Como nos lembra o profeta Jeremias⁴⁷: “Eu é que sei os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de paz e não de mal, para lhes dar um futuro e uma esperança”.

Essa força, no entanto, não se expressa de forma genérica. Ao refletirmos sobre a esperança, somos levados a perguntar: *quem são os sujeitos que a encarnam?* A resposta não está nos centros de poder, mas nas margens da sociedade. São os rostos marcados pela dor, pela exclusão e pela injustiça que revelam a verdadeira face da esperança.

Povos indígenas que resistem à destruição de suas terras e culturas, mulheres que lutam por dignidade, jovens que sonham com um mundo mais justo, pobres, migrantes e esquecidos, todos eles são portadores de uma esperança concreta, encarnada, que desafia estruturas opressoras e aponta para novos horizontes. A esperança cristã assume corporeidade histórica, expressão cultural, localização social e densidade comunitária; por isso, não pode ser pensada à margem dos sujeitos concretos que resistem às formas históricas de exclusão. A esperança nasce da experiência vivida e da resistência cotidiana.

Os rostos da esperança não devem ser compreendidos apenas como ilustrações pastorais ou imagens comoventes da resistência humana, mas como mediações históricas nas quais a reflexão teológica reconhece a presença interpeladora de Deus. Gustavo Gutiérrez contribui decisivamente para essa compreensão ao defender que a teologia nasce como reflexão crítica sobre a práxis histórica à luz da fé; desse modo, os pobres e vulnerabilizados não aparecem apenas como destinatários da esperança, mas como sujeitos a partir dos quais a própria inteligência da fé é reconfigurada⁴⁸. Jon Sobrino reafirma essa perspectiva ao falar dos povos crucificados, indicando que o sofrimento das vítimas possui densidade cristológica, pois remete ao Crucificado e exige uma resposta histórica de descimento da cruz⁴⁹. Ignacio Ellacuría reforça isso ao compreender a salvação cristã em sua historicidade, mostrando que a fé não pode separar anúncio do Reino e transformação das condições concretas que negam a vida⁵⁰.

Johann Baptist Metz, na *memoria passionais*, permite compreender que os rostos feridos da história se tornam lugar teológico porque impedem uma esperança sem memória e uma escatologia sem compaixão⁵¹. Juan Carlos Scannone, a partir da teologia do povo, ajuda a perceber que os sujeitos populares, suas culturas, símbolos e formas comunitárias de resistência expressam uma sabedoria histórica na qual a esperança assume configuração encarnada⁵². Papa Francisco, ao insistir nas periferias, na fraternidade e na dignidade dos descartados, recoloca esses rostos no centro do discernimento eclesial, indicando que a esperança cristã se verifica quando a promessa do Reino se traduz em proximidade, cuidado e compromisso com os últimos⁵³. Povos

⁴⁷ Jer 29, 11.

⁴⁸ Cf. G. GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação...*

⁴⁹ Cf. J. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*, Paulinas, São Paulo 2008.

⁵⁰ Cf. I. ELLACURÍA, *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios: para anunciarlo y realizarlo en la historia*, Sal Terrae, Santander 1984.

⁵¹ Cf. J. B. METZ, *Memoria passionais...*

⁵² Cf. J. C. SCANNONE, *La teología del pueblo: raíces teológicas del papa Francisco*, Sal Terrae, Santander 2017.

⁵³ Cf. FRANCISCO, *Evangelii gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, Cidade do Vaticano 2013. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso 19 jun. 2026; FRANCISCO, *Fratelli tutti: carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*, Cidade do Vaticano 2020. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso 19 jun. 2026.

indígenas, mulheres, migrantes, pobres, jovens e comunidades feridas não são apenas exemplos de esperança; constituem lugares concretos nos quais a teologia aprende a falar de Deus a partir da história, do sofrimento e da resistência.

Gustavo Gutiérrez nos lembra que a teologia nasce da indignação diante da injustiça⁵⁴. É nesse contexto que a esperança se torna não apenas uma virtude, mas um grito por transformação. Ela se encarna nos corpos que sofrem e nas vozes que clamam por justiça. A leitura de Isaías por Jesus na sinagoga, conforme registrada em Lucas 4,18-19, reafirma essa dimensão profética: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar boas novas aos pobres...” Nesse horizonte, os rostos da esperança tornam-se lugar teológico porque remetem ao próprio modo de agir de Cristo, cuja missão se dirige aos pobres, cativos, cegos e oprimidos como sinal da chegada do Reino.

Diante dessa realidade, somos interpelados a reconhecer os rostos da esperança em nossas comunidades. *Quem são aqueles que ainda esperam por justiça? Quem mantém viva a expectativa de um mundo mais humano, mesmo quando tudo parece conspirar contra?*

3.1. Os rostos da esperança: quem espera?

A esperança, nesse contexto, não é mera contemplação ou sentimento abstrato. Ela se concretiza como prática encarnada, exigindo compromisso, escuta e ação. Esperar é profundamente humano: revela nossa capacidade de resistir diante do impossível e de reconhecer, nas experiências vividas, os vínculos que sustentam nossa travessia. A história carrega rostos, vozes e silêncios que nos interpelam. Pensar a teologia da esperança, portanto, exige que ela se encarne em pessoas reais e em gestos que desafiam o desespero, apontando para possibilidades de transformação.

Os rostos da esperança estão presentes em múltiplas expressões de solidariedade e compromisso com o bem comum. Educadores em regiões carentes, voluntários em momentos de crise, mulheres indígenas que defendem seus territórios, jovens que lutam por justiça climática, todos revelam que a esperança é força coletiva, sustentada pela fé, coragem e ação concreta. Ativistas como Malala Yousafzai e Greta Thunberg exemplificam essa esperança ao enfrentarem sistemas de opressão e negligência. Malala, sobrevivente de um ataque do Talibã, tornou-se símbolo global da luta pela educação das meninas. Greta mobilizou uma geração em defesa do planeta, denunciando a inércia diante da crise climática.

No campo da saúde e da ação humanitária, organizações como Médicos Sem Fronteiras e pessoas como Alison Wright e Chuck O’Shea expressam a esperança por meio do cuidado com os mais vulneráveis. Seja oferecendo assistência médica, documentando a dignidade humana ou apoiando pacientes em tratamento, esses rostos mostram que a esperança se traduz em presença e serviço.

Líderes comunitários também protagonizam essa esperança. Mesmo com recursos escassos, promovem o aprendizado, organizam suas comunidades e enfrentam desafios locais com criatividade. A mudança, nesses contextos, brota das bases, sinal de que a esperança pode ser construída coletivamente.

No campo espiritual, a esperança revela sua dimensão profética por meio de figuras como o Papa Francisco e das mulheres indígenas. O Papa, com sua mensagem de compaixão e justiça, convoca a humanidade a reencontrar o valor da dignidade humana. Já as mulheres indígenas, ao resistirem à destruição de suas culturas, tornam-se guardiãs da vida e da memória ancestral, testemunhando que a esperança também brota da terra, da tradição e da luta por sobrevivência. Como afirma o Evangelho de João, Cristo é “a porta da salvação”⁵⁵, e é por essa porta que muitos caminham em busca de sentido e renovação espiritual.

⁵⁴ Cf. G. GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação...*

⁵⁵ Jo 10, 7. 9.

Para além das figuras públicas, há os rostos anônimos, sobreviventes de traumas, perdas e desastres que, mesmo diante da dor, escolhem reconstruir suas vidas. Membros de organizações de apoio, voluntários e cuidadores formam redes silenciosas de solidariedade, oferecendo acolhimento em momentos de crise. São testemunhas vivas de que a esperança é possível, mesmo nas circunstâncias mais adversas.

4. Vozes e silêncios: o que a história nos diz

Esses rostos nos conduzem à escuta da história, não apenas de suas narrativas visíveis, mas também de suas ausências. Quantas histórias foram apagadas? Quantas vozes foram silenciadas? “A teologia da esperança” precisa ser também uma “teologia da escuta”, a qual não designa uma atitude meramente afetiva, mas um procedimento hermenêutico pelo qual a reflexão cristã reconhece os silêncios históricos como lugares de interpelação ética, cristológica e escatológica. Escutar os silêncios da história é reconhecer feridas abertas e memórias que clamam por restauração.

A escuta dos silêncios históricos constitui uma exigência teológica porque a esperança cristã não pode ser anunciada sem memória. Johann Baptist Metz oferece uma chave decisiva para essa compreensão ao desenvolver a noção de *memoria passionis*, isto é, a memória do sofrimento das vítimas como critério crítico da fé⁵⁶; para ele, uma esperança que esquece os vencidos da história corre o risco de converter-se em discurso abstrato, incapaz de responder ao clamor real dos crucificados. Walter Benjamin, em sua crítica à história narrada pelos vencedores, permite aprofundar essa perspectiva ao mostrar que o passado não está definitivamente encerrado, pois as gerações feridas continuam a interpelar o presente e a exigir justiça⁵⁷.

Paul Ricoeur, ao articular memória, história e esquecimento, ajuda a compreender que recordar não significa apenas conservar dados do passado, mas interpretar responsabilmente as marcas deixadas pela dor, evitando tanto a manipulação ideológica da memória quanto o esquecimento indiferente⁵⁸. Maurice Halbwachs, ao tratar da memória coletiva, mostra que toda lembrança é socialmente situada e, por isso, os silêncios históricos revelam também relações de poder que determinam quais grupos podem narrar sua experiência e quais permanecem invisibilizados⁵⁹.

Aleida Assmann, ao distinguir formas culturais de conservação e transmissão da memória, contribui para perceber que a esperança depende de práticas comunitárias capazes de preservar testemunhos frágeis, especialmente quando instituições dominantes tendem a apagar as vozes das vítimas⁶⁰. Jon Sobrino recoloca essa questão no centro da cristologia ao afirmar que os povos crucificados tornam presente, na história, a interpelação do Crucificado; desse modo, escutar os silêncios não é simples gesto humanitário, mas ato teológico pelo qual a esperança cristã se deixa julgar pela dor concreta dos que foram negados em sua dignidade⁶¹.

A teologia da esperança, quando assume a escuta como método, desloca-se de uma reflexão sobre sujeitos abstratos para uma inteligência da fé situada diante de rostos concretos, vozes interrompidas e histórias feridas. Emmanuel Levinas permite compreender que o rosto do outro possui força ética originária, pois interpela o sujeito antes de qualquer elaboração conceitual e o convoca à responsabilidade⁶²; aplicado à teologia da esperança, esse princípio impede que o sofrimento alheio seja tratado como

⁵⁶ Cf. J. B. METZ, *Memoria passionis...*

⁵⁷ Cf. W. BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, Brasiliense, São Paulo 31987.

⁵⁸ Cf. P. RICOEUR, *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François, Editora da Unicamp, Campinas 2007.

⁵⁹ Cf. M. HALBWACHS, *A memória coletiva*, Vértice, São Paulo 1990.

⁶⁰ Cf. A. ASSMANN, *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Editora da Unicamp, Campinas 2011.

⁶¹ Cf. J. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação...*

⁶² Cf. E. LEVINAS, *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro, Edições 70, Lisboa 1980.

tema distante ou objeto de contemplação, exigindo uma resposta ética que nasce do encontro.

Michel de Certeau aprofunda essa perspectiva ao mostrar que toda escrita da história opera seleções, organizando presenças e ausências⁶³. Sua análise evidencia que os silêncios não são lacunas neutras, mas efeitos de processos históricos que determinam quem pode falar e quem é silenciado. Assim, a teologia da esperança, ao dialogar com Certeau, reconhece que a escuta do outro implica também discernir os mecanismos que produziram tais silêncios e perguntar pelo que foi excluído da memória coletiva.

Gustavo Gutiérrez leva essa exigência a um nível prático ao compreender a teologia como reflexão crítica sobre a práxis histórica à luz da fé⁶⁴. Para ele, a esperança cristã só se torna inteligível quando nasce do compromisso com os pobres e da escuta de sua experiência histórica. Nesse sentido, os silêncios identificados por Certeau e a interpelação ética do rosto levinasiano convergem na teologia da libertação como chamado à conversão histórica e à solidariedade ativa.

Ignacio Ellacuría, por sua vez, radicaliza essa articulação ao insistir que a salvação cristã é histórica e que o anúncio escatológico não pode ser separado da transformação real das estruturas que produzem morte⁶⁵. Sua visão confirma que a esperança do Reino exige mediações concretas de justiça, de modo que a escuta dos rostos e silêncios da história se traduza em compromisso político, social e eclesial. Assim, Levinas oferece o fundamento ético, Certeau revela a dinâmica dos silêncios, Gutiérrez orienta a práxis libertadora e Ellacuría integra tudo isso na historicidade da salvação, compondo um horizonte no qual a teologia da esperança se torna efetivamente transformadora.

Ivone Gebara, a partir da teologia ecofeminista, amplia esse horizonte ao mostrar que muitos silêncios históricos recaem sobre corpos, territórios e experiências femininas, populares e ecológicas, exigindo uma escuta que seja simultaneamente crítica, compassiva e libertadora⁶⁶. Sua reflexão evidencia que a esperança cristã não pode ignorar as formas concretas de opressão que atravessam a vida cotidiana, sobretudo quando essas opressões se inscrevem em estruturas patriarcais, coloniais e socioambientais que produzem exclusão e invisibilidade. Nessa mesma direção, Papa Francisco, ao propor uma Igreja em saída, atenta às periferias e comprometida com a fraternidade social, confirma que os silêncios da história não são marginais para a fé, mas lugares nos quais a esperança cristã deve tornar-se proximidade, cuidado e compromisso concreto com a vida ameaçada⁶⁷. Assim, o que Gebara identifica como silêncios ecofeministas e socioambientais encontra ressonância no chamado do Papa a uma conversão pastoral que reconheça esses espaços de dor como territórios teológicos, onde a esperança se faz presença, escuta e transformação.

A teóloga francesa Marie-Jo Thiel, em entrevista publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) em 20 de setembro de 2025, reflete sobre a dimensão ética da esperança diante dos sofrimentos contemporâneos, especialmente no contexto da guerra na Ucrânia⁶⁸. Para ela, a paz não é um dado automático, mas uma construção diária que exige responsabilidade, consciência e abertura ao diálogo entre saberes. Em sua contribuição à obra *A Alegria da Vida*, da Pontifícia Academia para a Vida, Thiel propõe uma “economia do outro” e uma “visão global do mundo” como fundamentos para uma esperança ativa e transformadora.

Pensar os “rostos da história” dentro da temática “A Teologia da Esperança e os Rostos da História: Vozes, Silêncios e Possibilidades” é, portanto, um convite à escuta dos

⁶³ Cf. M. DE CERTEAU, *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes, Forense Universitária, Rio de Janeiro 1982.

⁶⁴ Cf. G. GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação...*

⁶⁵ Cf. I. ELLACURÍA, *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios...*

⁶⁶ Cf. I. GEBARA, *Teologia ecofeminista...*

⁶⁷ Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium...*; FRANCISCO, *Fratelli tutti...*

⁶⁸ Cf. INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS – IHU, *Entrevista com Marie-Jo Thiel: ética, teologia, esperança*, IHU, São Leopoldo 2025. <https://www.ihu.unisinos.br/>. Acesso 15 out. 2025.

marginalizados e esquecidos. A esperança cristã não se elabora exclusivamente nos espaços institucionais de produção doutrinal ou acadêmica, mas também nas práticas históricas de comunidades que resistem à negação da vida, nas periferias, aldeias, campos de refugiados, escolas improvisadas e comunidades que resistem diariamente.

Esses rostos diversos e múltiplos nos desafiam a abandonar a neutralidade e a assumir um compromisso ético e espiritual com a vida. Quando encarnada, a “teologia da esperança” torna-se força que resiste, transforma e aponta para o Reino, já presente, ainda que não plenamente realizado. Ao reconhecê-los, talvez possamos também descobrir o nosso próprio lugar na história da esperança.

5. Possibilidades: esperar é agir

A teologia da esperança nos convoca à ação. Ela rompe com a passividade e nos chama a assumir o protagonismo da história, despertando em nós a responsabilidade de transformar o mundo. Jürgen Moltmann, em *Teologia da Esperança*, sustenta que a esperança cristã não é fuga do mundo, mas engajamento com ele; sua força nasce da promessa de Deus e se traduz em práxis histórica⁶⁹. Em um tempo em que a palavra “esperança” é frequentemente banalizada, Rubem Alves recorda que ela se torna quase uma súplica cotidiana, uma oração silenciosa que nos mantém vivos quando tudo parece perdido⁷⁰. Assim, Moltmann oferece o fundamento escatológico da esperança, enquanto Alves ilumina sua dimensão existencial e afetiva: a esperança sustenta a vida porque impede que o sofrimento tenha a última palavra.

A afirmação de que esperar é agir precisa, porém, ser compreendida em chave propriamente teológica, para que a esperança não seja reduzida a voluntarismo moral, militância genérica ou otimismo psicológico. Moltmann aprofunda essa distinção ao mostrar que a esperança cristã nasce da promessa de Deus e, por isso, não apenas consola o presente, mas o desestabiliza criticamente, abrindo-o para a transformação escatológica⁷¹. Tomás de Aquino, ao definir a esperança como virtude orientada para um bem futuro, árduo e possível mediante o auxílio divino, ajuda a distinguir a ação cristã da autossuficiência moderna: o agir esperançoso nasce da graça, mas se realiza na liberdade concreta do sujeito⁷². Josef Pieper complementa essa visão ao situar a esperança entre o desespero e a presunção, mostrando que agir a partir da esperança significa recusar tanto a passividade resignada quanto a ilusão de domínio absoluto sobre a história⁷³.

Ernst Bloch, embora em horizonte filosófico distinto, contribui ao pensar a esperança como antecipação do “ainda-não”, indicando que a imaginação do futuro possui força mobilizadora quando impede a absolutização do presente⁷⁴. Sua noção de “sonhar acordado” ilumina a dimensão criativa da esperança, que projeta possibilidades e abre caminhos onde antes havia apenas fechamento. Paulo Freire traduz essa dinâmica para o campo da práxis pedagógica e social ao afirmar que a esperança é necessidade ontológica vinculada à ação transformadora: não há esperança autêntica sem intervenção histórica, consciência crítica e compromisso com a libertação⁷⁵.

Gustavo Gutiérrez situa essa articulação no interior da práxis cristã, mostrando que a esperança do Reino se verifica na solidariedade com os pobres e na transformação das estruturas injustas⁷⁶. Ignacio Ellacuría radicaliza essa perspectiva ao insistir que a salvação cristã é histórica e que o anúncio escatológico exige mediações concretas de

⁶⁹ Cf. J. MOLTSMANN, *Teologia da esperança...*

⁷⁰ Cf. R. ALVES, *O que é religião?*, Loyola, São Paulo 1997.

⁷¹ Cf. J. MOLTSMANN, *Teologia da esperança...*

⁷² Cf. T. DE AQUINO, *Suma teológica...*

⁷³ Cf. J. PIEPER, *Faith, hope, love...*

⁷⁴ Cf. E. BLOCH, *O princípio esperança...*

⁷⁵ Cf. P. FREIRE, *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, Paz e Terra, Rio de Janeiro 1992.

⁷⁶ Cf. G. GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação...*

justiça⁷⁷. Assim, a esperança cristã não é espera inerte, mas virtude teologal que, sustentada pela promessa de Deus, torna-se discernimento, decisão e responsabilidade histórica.

Se a ansiedade expressa mentalmente nossas angústias, a esperança representa o seu oposto: um espaço interior de repouso, onde o medo pode ser acolhido e ressignificado. Ela não é resignação, mas força criativa; não é fuga, mas imaginação ativa. Bloch descreve essa energia como antecipação do que ainda não é, mas pode vir a ser⁷⁸. Na teologia cristã, esse “ainda-não” é iluminado pela promessa de Deus e pela ressurreição de Cristo, conferindo à esperança uma densidade propriamente escatológica. Assim, a esperança é o sentimento do amanhã, uma energia que projeta possibilidades e que se materializa em gestos concretos, especialmente quando compartilhada com aqueles que já não conseguem esperar.

A esperança se distingue da nostalgia. Enquanto esta deseja retornar a um passado idealizado, a esperança nos impulsiona visceralmente para um futuro mais justo e humano. Leonardo Boff reforça que esperar é já começar a construir o que se espera⁷⁹. A esperança não pode ser confundida com espera passiva. A esperança exige movimento, decisão e compromisso. Ela se encarna em nosso empenho, em nossa liberdade e em nossas escolhas. Em última instância, a esperança cristã torna-se historicamente visível quando pessoas e comunidades assumem práticas concretas de cuidado, justiça, reconciliação e reconstrução da vida comum. A esperança somos nós quando escolhemos não desistir.

A passagem da esperança à ação exige uma compreensão eclesial e comunitária da práxis cristã, pois a esperança não se realiza apenas no plano interior da subjetividade, mas se expressa em práticas concretas de justiça, cuidado e reconstrução social. Para Ignacio Ellacuría, a fé cristã precisa assumir a historicidade da salvação, de modo que anunciar o Reino implica enfrentar as estruturas que produzem morte e negar toda separação entre escatologia e justiça histórica⁸⁰. Jon Sobrino, ao falar dos povos crucificados, mostra que a esperança cristã se torna crível quando participa do movimento de descimento da cruz, isto é, quando se compromete com a libertação daqueles que carregam hoje os sinais históricos da paixão⁸¹. A esperança é simultaneamente dom e tarefa, pois brota da confiança em Deus, mas se traduz em cuidado, compromisso ecológico, solidariedade e responsabilidade coletiva.

Ivone Gebara, a partir de uma perspectiva ecofeminista, amplia o campo dessa ação ao mostrar que a esperança precisa alcançar corpos, territórios, relações e formas de vida vulnerabilizadas, especialmente aquelas silenciadas por estruturas patriarcais, econômicas e religiosas⁸². Papa Francisco, ao propor uma Igreja em saída e uma fraternidade aberta aos descartados, recoloca a esperança no centro da missão eclesial, afirmando que a promessa cristã deve tornar-se proximidade, serviço e reconstrução dos vínculos sociais⁸³.

Esperar é agir porque a esperança teologal, quando acolhida pela comunidade cristã, transforma-se em prática histórica de compaixão, justiça e antecipação concreta dos sinais do Reino. Quando encarnada, a teologia da esperança torna-se força de resistência porque reconhece, nos silêncios e nas vozes feridas, sinais históricos de uma promessa que ainda não se consumou plenamente, mas já interpela a Igreja a agir em favor da justiça. A escuta dos silêncios históricos não é o ponto final da esperança, mas sua condição de possibilidade: somente quem escuta responsavelmente pode agir de modo teologicamente fiel.

⁷⁷ Cf. I. ELLACURÍA, *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios...*

⁷⁸ Cf. E. BLOCH, *O princípio esperança...*

⁷⁹ Cf. L. BOFF, *Esperança: um dom, uma tarefa*, Vozes, Petrópolis 2004.

⁸⁰ Cf. I. ELLACURÍA, *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios...*

⁸¹ Cf. J. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação...*

⁸² Cf. I. GEBARA, *Teologia ecofeminista...*

⁸³ Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium...*; Cf. FRANCISCO, *Fratelli tutti...*

6. Conclusão

Para concluir, cabe retornar a um dos mitos fundadores da cultura ocidental: o relato de Pandora, tal como narrado por Hesíodo em *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*⁸⁴. Segundo o mito, Pandora, criada por Hefesto a mando de Zeus como punição a Prometeu, recebe uma caixa que contém todos os males do mundo. Advertida a não a abrir, ela cede à curiosidade e, ao fazê-lo, libera vícios, dores, doenças e a morte. Mas, no fundo do vaso, algo ainda se agita: a esperança. É ela, diz Hesíodo, que permite aos humanos suportar o resto.

Essa imagem, tão antiga quanto atual, nos revela a ambiguidade da esperança: para os clássicos, ela é o bem residual, a última arma dos que já perderam tudo. Para os latinos, “*Spes*” era venerada como a “última deusa”, representada como uma jovem com uma flor na mão, frágil, mas persistente. Para os cristãos, a esperança é elevada à condição de virtude teologal, a mais escatológica das três, pois aponta diretamente para a vida eterna. Como nos lembra a Carta aos Hebreus, ela é “a âncora da alma, firme e segura”⁸⁵.

Hoje, a esperança continua a ser essa força silenciosa que resiste. Ela é a mulher que, em uma cela distante, prefigura sua própria liberdade. É aquela que, como Pandora, não fecha o vaso, não por descuido, mas por escolha. Porque sabe que, ao deixar a esperança acessível, ela não apenas se salva, mas oferece aos outros a possibilidade de também resistirem.

A teologia da esperança não é apenas uma doutrina sobre o futuro. É uma convocação ética e espiritual para o presente. Ela nos chama a escutar os silêncios da história, a reconhecer os rostos esquecidos, a agir com coragem e ternura. E, sobretudo, a manter aberta a caixa, não para que o mal se espalhe, mas para que a esperança continue a respirar.

Que sejamos como Pandora e como os primeiros cristãos: portadores da esperança, mesmo quando tudo parece perdido. Porque, como nos lembra o apóstolo Paulo, “a esperança não decepciona”⁸⁶. Ela é o que resta, e, muitas vezes, é tudo o que precisamos para continuar.

A esperança cristã se revela simultaneamente como virtude humana, virtude teologal e princípio histórico de responsabilidade. Como virtude humana, ela expressa a abertura constitutiva do sujeito ao futuro, impedindo que o sofrimento, a violência e a fragmentação social encerrem definitivamente o horizonte da existência. Como virtude teologal, porém, ela ultrapassa a disposição antropológica, pois se fundamenta na promessa de Deus, na ressurreição de Cristo e na ação do Espírito Santo.

A esperança não é uma evasão espiritualista, mas sim uma força escatológica que interpela criticamente o presente; ela se deixa corrigir pela memória das vítimas e assume densidade concreta na práxis libertadora junto aos pobres, aos silenciados e aos crucificados da história. A teologia da esperança só permanece fiel ao Evangelho quando articula promessa e compromisso, escuta e ação, futuro de Deus e responsabilidade humana, tornando-se, no presente, sinal discreto, porém real, do Reino de Deus que já irrompe na história e ainda aguarda sua plena consumação.

7. Referências

ALIGHIERI, D., *A divina comédia*, Traduções diversas.
ALVES, R., *O que é religião?*, Loyola, São Paulo 1997.

⁸⁴ Cf. HESÍODO, *Teogonia; Trabalhos e Dias*. Tradução, introdução e notas de Jaa Torrano, Iluminuras, São Paulo 2009.

⁸⁵ Hb 6,19.

⁸⁶ Rm 5, 5.

- ARDONE, V., “Esperança, última deusa”, *Instituto Humanitas Unisinos – IHU* (2025), <https://www.ihu.unisinos.br/647596-esperanca-ultima-deusa-artigo-de-viola-ardone>. Acesso 15 out. 2025.
- ASSMANN, A., *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Editora da Unicamp, Campinas 2011.
- BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, Zahar, Rio de Janeiro 2001.
- BECK, U., *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*, Editora 34, São Paulo 2011.
- BENJAMIN, W., *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, Brasiliense, São Paulo 1987.
- BENTO XVI, *Spe salvi: carta encíclica sobre a esperança cristã*, Cidade do Vaticano 2007. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso 19 jun. 2026.
- BÍBLIA SAGRADA, Traduções diversas.
- BLOCH, E., *O princípio esperança. v. 1. Trad. Nélio Schneider*, EdUERJ - Contraponto, Rio de Janeiro 2005.
- BOFF, L., *Esperança: um dom, uma tarefa*, Vozes, Petrópolis 2004.
- CEFEP/CNBB – CENTRO NACIONAL DE FÉ E POLÍTICA DOM HELDER CÂMARA. <https://cefep.org.br/>. Acesso 15 out. 2025.
- Concílio Vaticano II. *Constituições, decretos e declarações*, Traduções diversas.
- DE AQUINO, T., *Suma teológica. v. 5: II seção da II parte, questões 1-56*, Loyola, São Paulo 2015.
- DE CERTEAU, M., *A escrita da história. Trad. Maria de Lourdes Menezes*, Forense Universitária, Rio de Janeiro 1982.
- ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios: para anunciarlo y realizarlo en la historia*, Sal Terrae, Santander 1984.
- FISICHELLA, R., *La speranza trasforma la vita*, Dicasterio para a Evangelização, Roma 2023.
- FRANCISCO, *Evangelii gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, Cidade do Vaticano 2013. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso 19 jun. 2026.
- FRANCISCO, *Fratelli tutti: carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*, Cidade do Vaticano 2020. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso 19 jun. 2026.
- FRANCISCO, *Spes non confundit: bula de proclamação do Jubileu Ordinário de 2025*, Cidade do Vaticano 2024.
- FREIRE, P., *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, Paz e Terra, Rio de Janeiro 1992.
- GEBARA, I., *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*, Vozes, Petrópolis 1997.
- GIDDENS, A., *Runaway world: how globalisation is reshaping our lives*, Profile Books, London 2003.
- GUTIÉRREZ, G., *Teologia da libertação: perspectivas*, Vozes, Petrópolis 1975.
- HALBWACHS, M., *A memória coletiva*, Vértice, São Paulo 1990.
- HAN, B-CH., *Sociedade do cansaço*, Vozes, Petrópolis 2017.
- HERÁCLITO, *Fragmentos. Tradução, introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro 2002.
- HESÍODO, *Teogonia; Trabalhos e Dias. Tradução, introdução e notas de Jaa Torrano*, Iluminuras, São Paulo 2009.

- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS – IHU, *Entrevista com Marie-Jo Thiel: ética, teologia, esperança*, IHU, São Leopoldo 2025. <https://www.ihu.unisinos.br/>. Acesso 15 out. 2025.
- LEVINAS, E., *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro, Edições 70, Lisboa 1980.
- MARCEL, G., *Homo viator: introduction to a metaphysic of hope*, Victor Gollancz, London 1951.
- MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, *Quem somos*. <https://www.msf.org.br/>. Acesso 15 out. 2025.
- METZ, J. B., *A fé em história e sociedade: estudos para uma teologia fundamental prática*, Paulinas, São Paulo 1980.
- METZ, J. B., *Memoria passionis: una evocación provocadora en una sociedad pluralista*, Sal Terrae, Santander 2007.
- METZ, J. B., *Teologia política*, Paulinas, São Paulo 1992.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE PALESTINO, *Department of Information Systems: Archives Department of Information Systems*, Gaza 2026. <https://www.moh.gov.ps/portal/archrepten/>. Acesso 20 jun. 2026.
- MOLTMANN, J., *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*, Teológica - Loyola, São Paulo 2005.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A COORDENAÇÃO DE ASSUNTOS HUMANITÁRIOS, *Humanitarian Situation Update #331: Gaza Strip*, 2025. <https://www.ochaopt.org/content/humanitarian-situation-update-331-gaza-strip>. Acesso 20 jun. 2026.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, *Conflict in Israel and the occupied Palestinian territory and region*. <https://www.who.int/emergencies/situations/conflict-in-Israel-and-oPt>. Acesso 20 jun. 2026.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, *Hostilities in the occupied Palestinian territory (oPt): Public Health Situation Analysis (PHSA)*, 2025. <https://cdn.who.int/media/docs/default-source/emergencies-trauma-care/who-phsa-opt-111125-final.pdf>. Acesso 20 jun. 2026.
- PIEPER, J., *Faith, hope, love*, Ignatius Press, San Francisco 1997.
- RICOEUR, P., *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François, Editora da Unicamp, Campinas 2007.
- ROSA, H., *Ressonância: uma sociologia da relação com o mundo*, Editora Unesp, São Paulo 2019.
- SAVE THE CHILDREN, *News quote: reports of 35 children among those killed in renewed airstrikes from Israeli forces in Gaza*, 2025. <https://www.savethechildren.net/news/news-quote-reports-35-children-among-those-killed-renewed-airstrikes-israeli-forces-gaza>. Acesso 20 jun. 2026.
- SCANNONE, J. C., *La teología del pueblo: raíces teológicas del papa Francisco*, Sal Terrae, Santander 2017.
- SOBRINO, J., *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*, Paulinas, São Paulo 2008.
- THUNBERG, G., *No one is too small to make a difference*, Penguin Books, London 2019.
- WRIGHT, A., *Face to face: portraits of the human spirit*, Insight Editions, San Francisco 2013.
- WRIGHT, N. T., *Surpreendido pela esperança: repensando o céu, a ressurreição e a missão da Igreja*, Thomas Nelson Brasil, São Paulo 2014.
- YOUSAFZAI, M. – LAMB, C., *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*, Companhia das Letras, São Paulo 2013.